PREFÁCIO*

A obra “Em diálogo com a Educação de Jovens e Adultos - questões, reflexões e perspectivas”, organizada pelo Prof. Elionaldo Fernandes Julião, mobiliza o nosso pensar desde o título. Ao principiar com o anúncio de colocar em diálogo e, na sequência, destacar a indagação, a ponderação, o trazer diferentes pontos de vista em relação à Educação de Jovens e Adultos, já coloca em evidência o compromisso das pesquisas e das publicações com a não obviedade da vida. O que associa ao trabalho de Paulo Freire, quando esse distingue as posições entre sectário de direita e o de esquerda, mas avalia que expressam, em comum, a falta da dúvida.

Assim, abordar de forma ampla e democrática a Educação de Jovens e Adultos, como modalidade da educação básica, é suspeitar da forma como muitos se referem aos que iniciam ou regressam aos estudos, fora da idade considerada apropriada; é desconfiar das avaliações precipitadas, que olham a frequência irregular desses estudantes e, em um piscar de olhos, fecham escolas; é naturalizar a cor da pele daqueles jovens que são abordados e presos, embora “sem fatos, mas com convicção”; dentre outras inúmeras situações que nos exigem estudar com detalhes as condições historicamente criadas, as quais negam e/ou afastam determinada parcela da população do direito de estudar.

Ao olhar com maior proximidade os dados que o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada em 2017 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)), somos informados que temos 7,5% de analfabetismo absoluto em relação à população brasileira - o que significa cerca de 15 milhões de habitantes, em um universo de 209 milhões de brasileiros e brasileiras. Agudizando esse olhar, identificamos que são os filhos e filhas dos grupos sociais historicamente impedidos ou com acesso dificultado aos bens socialmente construídos.

É a EJA uma modalidade da educação básica, ainda incompreendida, no cenário escolar? Os textos, aqui apresentados, colocam em discussão elementos necessários para a consolidação de um estudar como condição necessária ao viver em sociedade e, como ato contra hegemônico, de resistência e enfrentamento às estratégias de colonização e contraposição ao pleno viver – como é a negação do estudar para muitos jovens e adultos.

A obra não finaliza nesse ponto, vai além. Na segunda parte do livro

*DOI – 10.29388/978-65-86678-41-3-0-f.13-16

coloca em discussão a EJA destinada aos jovens e adultos que estão em situação de restrição e privação de liberdade, auxiliando a entender as especificidades desse universo, para uma atuação pedagógica junto aos jovens e adultos que estão nesse contexto. Exigindo-nos uma educação que se realize pela conexão com a realidade, com a criação e invenção da vida - para não ampliarmos o que provoca, nas palavras de Paulo Freire, o “arquivamento” da existência desses estudantes, o que amplificaria sua situação de restrição e privação de liberdade.

O que convoca a pensar na relação dos conhecimentos como aprendizagens e diálogo com a vida em sociedade e, ao mesmo tempo, formação pessoal, da nossa presença objetiva no mundo. E, a desenvolvermos uma inserção como criação/transformação de novas realidades e de si, não de submissão e adequação ao hegemônico. A formação para um pensar autenticamente e não para antigas e novas convenções.

Nesse processo, a necessidade de fomento às pesquisas, como essa obra obteve e; a urgência na formação e manutenção de coletivos, como os grupos de pesquisas o é. Elionaldo lança uma obra quando completa uma década na Universidade Federal Fluminense, tempo em que se aproximou do NEDEJA (Núcleo de Estudos e Documentação em Educação de Jovens e Adultos), criou o Grupo de Trabalho e Estudos sobre Políticas de Restrição e Privação de Liberdade, estabeleceu ações acadêmicas com diferentes instituições, dentro e fora do Brasil, assim como de outros grupos na Universidade e em outros espaços formadores.

Movimento ao qual parabenizo e agradeço poder fazer parte, tanto na escrita do prefácio, quanto na parceria nos estudos com/da/na EJA, pelo NEDEJA e pelo grupo de pesquisa que coordeno (ELAC – Educação física escolar; experiências Lúdicas e Artísticas; Corporeidades). Parabenizo também todos os autores e autoras que possibilitam esse livro existir e, especialmente, pela dedicação de cada um/a ao trabalho educativo com os jovens e adultos, respeitando os saberes que esses trazem, olhando-os como sujeitos históricos, construindo possibilidades de dividirmos os bens socialmente construídos – como a educação e as condições necessárias ao direito de estudar.

“Em diálogo com a Educação de Jovens e Adultos - questões, reflexões e perspectivas”, com os resultados de diferentes pesquisas que apresenta, revela potentes contribuições para a efetivação de políticas de educação no Brasil comprometidas com a plenitude da vida, com a equidade social, com a formação de tempos e espaços comuns de formação para todos e todas, independente da idade. Nada banal, quando um momento de pandemia nos convoca a es-

colher quais caminhos seguiremos e o que deixaremos para as novas gerações.

Trazendo Paulo Freire mais uma vez, finalizo dirigindo-me aos leitores e leitoras. Não somente para desejar boa leitura, mas também para ressaltar o quanto vocês são fundamentais, pois a leitura e o aceite ao diálogo, proposto pela obra e os dados que traz, poderão contribuir para a construção de novas relações sociais. Afinal, uma educação que impacte, positivamente, a formação humana e cidadã traz benefícios para o conjunto da sociedade, quando essa se pretende constituída por todos, com a valorização das diferenças, com a priorização nos cuidados com a vida e sua plenitude.

Profa. Dra. Rosa Malena de Araújo Carvalho
Professora da Universidade Federal Fluminense